

## O oráculo de veneno na vida diária

## I

Os oráculos são meios mais satisfatórios que os adivinhos na verificação do futuro e das coisas ocultas. Os adivinhos são úteis como detetives, para desvendarem os inúmeros casos e problemas que afligem uma aldeia, e seu maior valor reside em limparem de bruxaria a atmosfera. Para isso, são frequentemente solicitados a dançar antes de uma grande caçada — por se tratar de um empreendimento coletivo, porque muitas pessoas estão envolvidas e por estejam em jogo os interesses de um distrito. Assim, torna-se conveniente um ataque público executado pelos adivinhos, que agem como batedores rituais, trazendo informações sobre as forças místicas inimigas, além de combatê-las. Quando termina a sessão, todos sentem que os bruxos foram afugentados para longe da empresa coletiva.

Mas os adivinhos são vistos apenas como fornecedores de provas preliminares; em todas as questões importantes, um indivíduo coloca a afirmação de um adivinho diante de um dos oráculos maiores, em busca de confirmação. Isso além do mais é necessário quando se deseja empreender uma ação pública. Não se pode tentar executar vingança por homicídio apenas com base em declarações de adivinhos, que jamais seriam consultados, aliás, num assunto desse calibre. Seria uma grande imprudência apresentar uma asa de galinha a um bruxo indicado apenas pelos adivinhos. O acusado poderia esconder do portador da asa, e teria o direito de fazê-lo. Por isso os Azande dizem que os adivinhos, como o oráculo de atrito, são úteis porque respondem rapidamente a muitas questões e detectam suspeitos preliminares antes que se aborde o oráculo de veneno, mas eles não são seguros.

## 2

O método de revelar o que está oculto pela administração de veneno a aves é amplamente difundido na África; mas, assim como os Azande são o povo mais a nordeste a conceber a bruxaria como uma substância material localiza-

da no ventre, também sua cultura é o limite nordeste da distribuição desse tipo de oráculo. Eles são o único povo do Sudão anglo-egípcio a empregar-lo.

O veneno usado é um pó vermelho feito de uma trepadeira da floresta, misturado com água para formar uma pasta. O líquido é espremido da pasta nos bicos de pequenas aves domésticas, que são assim forçadas a engoli-lo. Geralmente seguem-se violentos espasmos. As doses por vezes são fatais, mas com igual frequência as aves se recuperam. Às vezes sequer são afetadas pelo veneno. A partir do comportamento das aves sob esse oráculo, especialmente por sua morte ou sobrevivência, os Azande obtêm resposta às perguntas que fazem ao oráculo.

A classificação botânica do veneno não foi determinada, mas sua natureza química, em linhas gerais, sim. Uma porção do veneno de oráculo que eu trouxe para a Inglaterra foi examinada pelo professor R. Robinson, que me informou o seguinte:

A quantidade de *benge* era insuficiente para permitir estabelecer com certeza a natureza do princípio ativo. Tudo que pode ser dito a seu respeito é que a substância tóxica é de caráter alcalóide e quimicamente parece aparentar-se à estricnina. É quase certamente não-homogênea, e isso explica a dificuldade de seu isolamento em condição pura. Assim, tudo o que posso dizer é que se assemelha à estricnina em muitas de suas reações e que provavelmente duas ou mais bases estão presentes.

## 3

O oráculo de veneno, *benge*, é seguramente o mais importante deles. Os Azande confiam plenamente em suas decisões, que têm força de lei quando obtidas sob as ordens de um príncipe. Um visitante do país zande ouve falar tanto do oráculo de veneno quanto de bruxaria. Sempre que surge uma questão de fato sobre um caso qualquer ou sobre o bem-estar de um homem, os zande procuram imediatamente saber a opinião do oráculo de veneno a respeito dela. Em muitas situações nas quais procuramos provas para basear um veredicto, ou tentamos regular nossa conduta avaliando as probabilidades, o zande sem hesitação consulta o oráculo de veneno e segue suas orientações com confiança implícita.

Não se corre nenhum risco importante sem pedir a opinião do oráculo de veneno. Em empreendimentos coletivos de monta, em todas as crises da vida, todas as disputas legais sérias, todas as questões relativas ao bem-estar individual — em suma, em todas as ocasiões tidas pelos Azande como perigosas ou

socialmente importantes —, a atividade é precedida de uma consulta ao oráculo de veneno.

Não pretendo catalogar todas as situações nas quais o oráculo pode ser consultado, uma vez que isso significaria uma lista de situações sociais em todas as esferas da vida zande; quando cada esfera for descrita neste livro, o papel desempenhado pelos oráculos será mais adequadamente relatado. Contudo, não pretendo listar algumas das ocasiões em que o oráculo deve ser consultado, de modo a dar ao leitor uma ideia clara de sua significação para os Azande. Quando digo que o oráculo de veneno ou algum outro oráculo deve ser consultado nas ocasiões listadas abaixo, quero dizer que, se um zande não consultasse, estaria agindo contra o costume, e seu prestígio social poderia sofrer com isso. Ele poderia mesmo incorrer em penalidades legais. As seguintes situações são ocasiões típicas de consulta:

- Para descobrir por que uma mulher não concebeu.
- Durante a gravidez da mulher, quanto ao local do parto, quanto à sua segurança durante o parto, quanto à segurança da criança.
- Antes da circuncisão do filho.
- Antes do casamento da filha.
- Antes de mandar o filho para a corte como pajem.
- Por doença de qualquer membro da família. A pessoa morrerá? Quem é o bruxo responsável? Etc.
- Para descobrir o agente responsável por qualquer infortúnio.
- Nos velhos tempos, na morte de um parente. Quem o matou? Quem irá executar o bruxo? Etc.
- Antes de realizar a vingança mágica. Quem observará os tabus? Quem fará a magia? Etc.
- Em casos de feiticaria.
- Em caso de adultério.
- Antes de coletar o veneno de oráculo.
- Antes de estabelecer a relação de irmãos de sangue.
- Antes de longas jornadas.
- No caso dos homens, antes de se casar com uma mulher.
- Antes de presentear um príncipe com cerveja.
- Antes de uma grande caçada.
- Um plebeu, ao escolher um novo local para sua residência.
- Antes de aceitar ou permitir que um dependente aceite um emprego oferecido por europeus.
- Antes de se tornar um adivinho.
- Antes de entrar numa confraria mágica.

- Um homem, antes de ele e seus filhos adultos irem para a guerra.
- Em casos de deslealdade a um príncipe.
- Um príncipe, antes de ir à guerra.
- Para determinar a disposição dos guerreiros, lugar, momento do ataque e todas as demais questões relativas à guerra.
- Um príncipe, antes de indicar governadores, delegados ou quaisquer outros funcionários.
- Um príncipe, antes de mudar sua corte.
- Um príncipe, para descobrir se uma cerimônia comunal acabará com a seca.
- Um príncipe, para prever as ações do comissário distrital britânico.
- Um príncipe, antes de aceitar presentes e tributos.

## 4

Os Azande não consultam seus oráculos apenas sobre o que considerariam as atividades sociais mais importantes, mas também sobre seus negócios comerciais. Se o tempo e a oportunidade permitissem, muitos Azande gostariam de consultar um ou outro oráculo a cada passo de suas vidas. Isso é obviamente impossível, mas os velhos, que sabem como usar o oráculo de atrito, geralmente carregam um consigo; se surgir qualquer dúvida, podem superá-la com uma consulta imediata.

Uma ocasião típica na qual um homem consulta seu oráculo de atrito é quando faz uma visita à casa de um amigo. Quando a visita está para terminar, ele pergunta ao oráculo se deveria ir embora abertamente durante o dia, ou partir secretamente à noite, ignorado por qualquer bruxo que possa querer despachar sua ação atrás dele ou causar-lhe algum infortúnio na jornada. Se o oráculo aconselha-o a partir à noite, ele conta a seu anfitrião e sai antes do alvorecer. Os outros membros da casa compreendem o que aconteceu e não se zangam por ele ter saído sem se despedir. O oráculo de atrito pode dizer que ele pode partir de dia, mas deve ter cuidado com bruxaria no caminho. Nesse caso, ele sai da casa de seu anfitrião como se fosse dar um passeio, jogando a esmo uma lança à sua frente, de modo a fazer pensar a quem o observe que está brincando e voltará logo após o passeio, já que as pessoas que partem para uma viagem não ficam andando ao acaso antes de partir. Quando já está bem fora da vista, aperta o passo e segue seu caminho. Por vezes nem mesmo informa ao anfitrião de sua partida, mas este compreende a razão do silêncio.

Percebi que, quando um zande agia comigo de maneira que consideramos rude ou desconfiada, suas ações deviam ser atribuídas à obediência aos oráculos. Achei os Azande de hábito corteses e dignos de confiança segun-

do os padrões ingleses; mas às vezes seu comportamento me era ininteligível, até que levasse em conta suas noções místicas. Freqüentemente os Azande são tortuosos nas relações com os outros, mas não consideram censurável um homem ser misterioso ou agir contrariamente às suas intenções declaradas. Ao contrário, louvam sua prudência por levar em conta a cada passo a bruxaria e regular sua conduta segundo a orientação dos oráculos. Assim, não é necessário para um zande explicar aos outros uma conduta caprichosa; todo mundo compreende-lhe os motivos.

Nem todos os Azande são igualmente propensos a consultar oráculos. Muitas vezes verifiquei que alguns homens mostram uma consciência mais aguda do perigo da bruxaria que outros; e confiam muito mais na magia e nos oráculos para neutralizar sua influência. Assim, enquanto alguns homens gostam de consultar oráculos, soprar apitos mágicos ou realizar qualquer outro rito antes de embarcar em qualquer pequena aventura, outros só consultam oráculos em importantes questões legais e crises reais, como casamento, doença grave e morte. Em outras palavras, só consultam oráculos quando socialmente levados a fazê-lo. Nos processos legais, todos devem utilizar o oráculo de veneno.

Para compreender o procedimento jurídico zande, deve-se saber exatamente como o oráculo do veneno é utilizado, porque nos velhos tempos ele consistia na maior parte do que entendemos por provas legais, juiz, júri e testemunhas. No passado os dois tipos principais de questões eram a bruxaria e o adultério. Casos de bruxaria eram totalmente resolvidos pelos oráculos, pois só havia possibilidade de descobrir a ação mística pelo poder igualmente místico do oráculo de veneno. Tudo que um príncipe tinha a fazer era confirmar os nomes dos bruxos descobertos pelos parentes de pessoas mortas, colocando os nomes diante de seu próprio oráculo. A indenização que um bruxo tinha que pagar por seu crime era fixada pelo costume. Toda morte para os Azande é assassinato e o ponto de partida para o processo legal mais importante na cultura zande. Assim, eles achavam difícil entender como os europeus podiam recusar-se a tomar conhecimento do que era tão manifesto e claro para eles.

Num caso de adultério pode haver provas circunstanciais, mas na verdade de casos simples desse tipo eram raros. As chances de descoberta em flagrante dos amantes, em pleno encontro furtivo no mato (ou, durante uma ausência do marido, na residência deste) eram sempre muito pequenas. A única evidência segura com base na qual um marido desconfiado podia agir era aquela fornecida pelo oráculo de veneno, pois mesmo que uma mulher se arrependesse de sua infidelidade e contasse ao marido o nome do amante, este podia

negar a acusação. O marido podia, é bem verdade, apresentar ao príncipe outros motivos de suspeita, mas fundamentaria sua acusação de adultério sobretudo na prova do oráculo, e nenhuma prova além desta era exigida. O acusado se defenderia menos pela alegação de uma ausência de evidência circunstancial do que dispondo-se a fazer um *ngbu*, um teste. Ordenava-se a ele que escolhesse um homem de bem dentre os servidores da corte para realizar o teste, colocando a questão do adultério diante de seu oráculo. Esse homem agia em nome do príncipe, e a declaração de seu oráculo resolvia o caso. Aos olhos dos Azande, esse era o procedimento correto em casos de adultério. Eles não aprovavam os métodos europeus, porque, em sua opinião, estes não permitem a única prova segura de culpa ou inocência. Maridos acusadores e homens acusados compartilham dessa opinião negativa: os maridos porque raramente dispõem, aos olhos do tribunal governamental, de indícios aceitáveis de adultérios, cuja única prova conclusiva consiste na declaração do oráculo de veneno; e os acusados exatamente porque são incriminados, no processo europeu, pela denúncia de uma mulher, sem que possam apelar à única autoridade realmente confiável, o oráculo de veneno.

Toma-se especial cuidado em proteger o oráculo de veneno de um príncipe da bruxaria e da poluição, porque os oráculos dos príncipes revelam questões de importância tribal, julgam casos civis e criminais e determinam se uma vingança de morte foi executada. Um príncipe dispõe de dois ou três operadores oficiais que supervisionam seu oráculo de veneno. Cumpre que sejam rigorosamente dignos de confiança, pois têm o destino de seu senhor e a pureza da lei em suas mãos. Se quebram um tabu, todo o sistema legal pode tornar-se corrupto, o inocente pode ser julgado culpado, o culpado, inocente. Cabe que o consultor oficial dos oráculos do príncipe seja também um homem de impecável honestidade, já que ele sozinho se encarrega de muitos casos legais e de testes de vingança. Ele pode destruir os súditos de seu senhor, ao falsificar pronunciamentos oraculares. Por fim, o consultor do oráculo de um príncipe deve ser capaz de manter silêncio sobre os negócios de seu senhor. Não há ofensa mais séria aos olhos de um príncipe zande que “revelar a fala do oráculo de veneno real”.

Nós, que não acreditamos no oráculo de veneno, achamos que os tribunais que impusemos aos nativos são justos porque só levam em conta as provas que consideramos como tais, e nos vangloriamos dizendo que eles são tribunais nativos, porque permitimos que nativos os presidam. Mas os Azandes pensam que tais tribunais não aceitam o único tipo de prova que é realmente relevante para os casos ali julgados; assim, os príncipes encarregados de administrar a justiça, fazem-no por uma aplicação mecânica das regras



rá-las. Dois ou três meninos devem trazê-las de volta, todas as mulheres ficam sabendo o que está se passando, os vizinhos escutam o barulho, um bruxo pode seguir o proprietário das aves e impedir que o oráculo dê a informação desejada. Quando são usados pintos, a dificuldade não existe, porque eles dormem numa das choças, onde estão a salvo do ataque de gatos selvagens, e podem ser facilmente apanhados na manhã da sessão.

Os velhos dizem que aves totalmente adultas não devem ser usadas nas consultas oraculares porque são demasiado suscetíveis ao veneno e costumam morrer logo, antes que o veneno tenha tido tempo para considerar a questão colocada ou de ouvir a exposição completa do problema. Por outro lado, um frangote permanece por um bom tempo sob a influência do veneno antes de se recuperar ou expirar, de modo que o oráculo tem tempo para ouvir todos os detalhes relevantes e emitir um julgamento bem pensado.

## 7

Qualquer homem pode participar das consultas. Contudo, o oráculo é dispendioso, e as questões apresentadas concernem a ocupações adultas. Por isso meninos só estão presentes quando são os operadores do oráculo. Normalmente são crianças que estão cumprindo os tabus de luto pela morte de um parente. Os adultos também consideram que seria muito imprudente permitir a quaisquer outros meninos aproximar-se de seu veneno, pois não se pode ter certeza de que eles observaram os tabus sobre carnes e vegetais.

Raramente um homem solteiro se encontra presente a uma sessão. Se ele tem um problema, seu pai ou tio podem agir em seu nome. Além disso, apenas um chefe de família é rico o suficiente para possuir aves e adquirir veneno, e tem experiência para conduzir uma sessão adequadamente. Homens mais velhos dizem também que os jovens em geral estão envolvidos em algum caso amoroso ilícito e poluíram o veneno caso se aproximassem.

Consultar o oráculo de veneno é particularmente a prerrogativa de homens casados, chefes de família e de casa; nenhuma outra ocupação lhes dá mais prazer. Ao fazê-lo, um homem não está apenas sendo capaz de resolver seus problemas pessoais, ele está também lidando com questões de importância pública — bruxaria, feitiçaria e adultério — aos quais seus nomes serão associados como testemunhas das decisões do oráculo. Um zande de meia-idade fica contente quando dispõe de um pouco de veneno, de algumas aves e da companhia de um ou dois amigos de confiança de sua própria idade, e pode sentar-se para uma longa sessão que vai descobrir tudo sobre as infidelidades de suas mulheres, sua saúde, a saúde de seus filhos, seus planos de casa-

mento, projetos de caça e de roça, a conveniência de mudar de moradia e assim por diante.

Homens pobres que não possuem veneno ou aves, mas que se vêem obrigados de um modo ou de outro a consultar o oráculo, persuadirão um parente, um irmão de sangue, um afim ou o delegado do príncipe a consultá-lo em seu nome. Esse é um dos principais deveres das relações sociais.

O controle sobre o oráculo de veneno por parte dos homens mais velhos dá-lhes grande poder sobre os homens mais jovens, e é uma das principais fontes de seu prestígio. Os mais velhos podem colocar os nomes dos jovens diante do oráculo de veneno e, a partir de suas declarações, fazer acusações de adultério contra eles. Além disso, um homem jovem que não pode arcar com o custo do veneno não é um chefe de família totalmente independente, sendo incapaz de iniciar qualquer empreendimento sozinho: ele depende da boa vontade de outros para informar-se de tudo o que concerne à sua saúde e bem-estar.

As mulheres são proibidas de operar o oráculo de veneno e de ter qualquer relação com ele. Espera-se mesmo que não falem dele, e quando um homem menciona o oráculo na presença de mulheres, recorre a alguma perífrase. Quando um homem vai consultar o oráculo de veneno, diz à mulher que vai ver suas roças ou dá uma desculpa semelhante. Ela compreende o que ele vai fazer, mas nada diz. Sabe-se de mulheres bem velhas, de boa posição social, que ocasionalmente operaram o oráculo de veneno ou ao menos consultaram-no, mas são raras exceções, e trata-se sempre de pessoas importantes.

O oráculo de veneno é uma prerrogativa masculina; trata-se de um dos principais mecanismos de controle masculino e uma expressão do antagonismo sexual. Pois os homens dizem que as mulheres são capazes de qualquer artifício para enganar um marido e agradar um amante; os homens têm ao menos a vantagem de que seu oráculo de veneno revelará as relações secretas. Não fosse pelo oráculo, de pouco adiantaria o pagamento do preço da noiva, pois nem a mais ciumenta vigilância impedirá uma mulher de cometer adultério se ela quiser fazê-lo. E que mulher não quer? A única coisa que as mulheres temem é o oráculo de veneno, pois se podem escapar aos olhos dos homens, não escapam aos do oráculo. Assim, diz-se que as mulheres odeiam o oráculo, e que se uma delas encontra algum veneno no mato, destruirá seu

\* No original, *brilwetha*, termo utilizado em antropologia para designar a transferência cerimonial de bens do grupo do marido para o da (futura) esposa, transferência que oficializa o casamento. (N.T.)

poder urinando sobre ele. Uma vez perguntei a um zande por que ele colhiera tão cuidadosamente as folhas usadas para operar o oráculo e as jogara a uma certa distância, no mato; respondeu-me que era para que as mulheres não as encontrassem e poluissem — se elas poluem as folhas, então o veneno que foi guardado de volta em seu esconderijo perderá seu poder.

Quando consideramos até que grau a vida social é regulada pelo oráculo de veneno, imediatamente percebemos a enorme vantagem que os homens têm sobre as mulheres por sua capacidade de usá-lo, e como a exclusão dos principais meios de estabelecer contato com as forças místicas que afetam tão profundamente o bem-estar humano degrada a posição da mulher na sociedade zande.

É preciso muita experiência para conduzir uma sessão de modo correto e interpretar as descobertas do oráculo. É preciso saber quantas doses de veneno devem ser administradas, se o oráculo está funcionando a contento, em que ordem fazer as perguntas, se devem ser feitas em forma positiva ou negativa, quanto tempo se deve segurar uma ave entre os dedos ou nas mãos enquanto se faz uma pergunta ao oráculo, quando ela deve ser sacudida para provocar o veneno e quando é hora de jogá-la ao chão para a inspeção final. Deve-se saber como observar não apenas se a ave está viva ou morta, mas também a maneira exata pela qual o veneno a afeta, pois enquanto está sob a influência do oráculo cada momento é significativo para o olhar experiente. Também se deve conhecer a fraseologia própria da atividade, de modo a colocar as questões claramente ao oráculo, sem erro ou ambigüidade; essa tarefa não é fácil, pois uma única pergunta pode ser formulada ao cabo de uma arenga de cinco ou dez minutos. Nem todo homem é competente nessa arte, embora a maioria dos adultos possa preparar e interrogar o oráculo, se necessário. Aqueles que, quando meninos, preparavam com freqüência o veneno para seus pais e tios, e que são membros de famílias que freqüentam a corte e consultam constantemente o oráculo, são os mais competentes. Alguns homens são muito hábeis em interrogar o oráculo, e aqueles que desejam consultá-lo gostam de ser acompanhados por um deles.

Qualquer homem convidado pelo proprietário do oráculo de veneno pode assistir a uma sessão, mas espera-se que não compareça se teve relações sexuais ou comeu qualquer dos alimentos proibidos nos últimos dias. É imprativo que o homem que de fato prepara o veneno tenha observado esses tabus, e por isso o proprietário do veneno (que chamarei aqui apenas de pro-

prietário) pede geralmente a um menino ou homem que esteja de luto para operar o oráculo, já que não pode haver dúvida de que ele tenha observado os interditos, que são os mesmos para o luto e para o oráculo. Um homem em tal condição é sempre chamado quando, no caso de doença súbita, é preciso consultar o oráculo sem aviso, isto é, quando não há tempo para se preparar pela observação dos tabus. Vou me referir ao menino ou homem que prepara o fato o veneno e o administra às aves como operador. Quando falo do interrogador, refiro-me ao homem que se senta frente ao oráculo, dirige-se a ele e solicita seus julgamentos. Como ele se senta a poucos metros do oráculo, deve também ter observado todos os interditos. É possível que um homem seja o proprietário, o operador e o interrogador ao mesmo tempo, conduzindo a consulta do oráculo sozinho, mas se isso ocorre, é muito raro. Geralmente não há dificuldade em obter os serviços de um operador, pois um homem sabe quais de seus vizinhos estão observando as interdições associadas à vida e morte. Um de seus companheiros que não comeu alimento sob tabu, ou não teve relações sexuais com mulheres um ou dois dias antes da consulta, age como interrogador. Se um homem está impuro, pode dirigir-se ao oráculo à distância. É melhor tomar essas precauções, porque o contato de uma pessoa impura com o oráculo destrói sua potência; a simples proximidade de uma pessoa impura pode acarretar esse resultado.

Os interditos que devem ser invariavelmente observados pelas pessoas que entram em contato com o oráculo de veneno incidem sobre:

- Relações sexuais com mulheres.
- Comer carne de elefante.
- Comer peixe.
- Comer o legume *mboyo* (*Hibiscus esculentus*).
- Comer o legume *morombida* (*Corchoris tridens*).
- Fumar haxixe.

Alguns homens evitam comer animais de cor clara; essa parecia ser a regra imposta àqueles que entram em contato com os oráculos de um príncipe. Carne de elefante e de peixe são proibidas por causa do forte cheiro emitido pelo homem que as tenha comido. Creio que é sua natureza pegajosa que colocou o *mboyo* e o *morombida* sob interdição ritual. Quando as partes comestíveis desses vegetais são extraídas, elas não desprendem, mas ficam ligadas ao talo por fibras glutinosas, tendo de ser arrancadas. Quando cozidos, formam uma pata grudenta que pode ser esticada como puxa-puxa. Antes de entrar em contato com o oráculo de veneno ou mesmo de aproximar-se dele, um homem deve ter evitado relações sexuais por cinco ou seis dias, e os alimentos e vegetais proibidos por três ou quatro dias. Todavia, o tempo de observação

desses interditos não é realmente fixo, e diferentes homens fazem estimativas diversas. Muitos se satisfazem com a abstinência de relações sexuais por cinco ou mesmo quatro dias. Se um homem que teve relações sexuais é convidado a operar o oráculo, dirá "comi *mboyo*", e todos compreenderão que ele está empregando um eufemismo. Ele pode desculpar-se do mesmo modo se simplesmente não deseja ocupar-se do trabalho.

O proprietário não paga ao operador e ao interrogador por seus serviços. O segundo é quase que invariavelmente o próprio proprietário ou um de seus amigos que também quer fazer perguntas ao oráculo — e que para isso trouxeram suas aves. É comum presentear-se o operador; se é um adulto, com uma ave durante a sessão, de modo que ele possa colocar seus próprios problemas ao oráculo. Como se trata geralmente de um homem que está usando uma cinta de luto e vingança, ele freqüentemente perguntará ao oráculo quando a vingança mágica atingirá sua vítima.

Para preservar-se de poluição, um homem geralmente esconde seu veneno no telhado de palha de uma cabana, na parte interna, se possível de uma cabana que as mulheres não usem; mas isso não é essencial, porque uma mulher não sabe que há veneno escondido no teto, e é pouco provável que entre em contato com ele. O proprietário do veneno deve ter observado os interditos se deseja tirá-lo ele mesmo do telhado; se está impuro, trará à cabana o homem ou menino que vai operar o oráculo e lhe indicará à distância onde está escondido o veneno. Um telhado de palha é um esconderijo tão bom para um pequeno pacote de veneno que costuma ser difícil para o proprietário encontrá-lo.

Ninguém deve fumar haxixe numa cabana que abriga o oráculo de veneno. Todavia, há sempre um perigo de poluição e de bruxaria quando o veneno é guardado em casa, e alguns homens preferem guardá-lo no oco de uma árvore no mato, ou construir um pequeno abrigo e lá escondê-lo. Esse abrigo é bem distante das habitações humanas, e caso um homem o encontre no mato não mexerá nele, temendo que contenha algum tipo de droga letal. É muito improvável que a bruxaria descubra um oráculo de veneno escondido no mato. Nunca vi um oráculo de veneno sob um abrigo no mato, mas disseram-me que ele era freqüentemente guardado assim.

O oráculo de veneno, quando não está em uso, é mantido envolto em folhas; ao final de uma sessão, o veneno usado é colocado num invólucro, separado do não-usado. Pode ser usado duas ou três vezes, e pode-se acrescentar veneno fresco para torná-lo mais potente. Quando sua ação mostra que ele perdeu a força, é jogado fora.

Todo bom oráculo de veneno é o mesmo, seja quem for que o possua, opere e consulte. Mas sua boa qualidade depende do cuidado e da virtude do

proprietário, do operador e do consultor. Como as maiores precauções são tomadas com o veneno de um príncipe, este é considerado mais seguro que o dos plebeus. Todo *benge* é do mesmo material, mas as pessoas falam do "meu *benge*" ou do "*benge* de fulano de tal", e dizem que o veneno de um determinado príncipe é absolutamente seguro, ao passo que o de outro não é tanto. Esses julgamentos são feitos com base parcialmente nos acontecimentos subsequentes, que provam se os oráculos estavam certos ou errados em suas afirmações; e parcialmente com base nos veredictos do oráculo do rei, que é a autoridade final. Isso porque, no passado, os casos ocasionalmente iam dos oráculos de um governador de província ao oráculo de Gbudwe, que poderia declará-los falsos.

## 9

Descreverei agora a maneira pela qual o veneno é administrado às aves. O operador sai na frente dos demais para preparar o teste. Leva consigo uma pequena cuia cheia de água. Limpa o espaço, pisoteando o mato. Depois cava um buraco na terra, no qual deposita uma folha larga a servir de bacia para o oráculo de veneno. Faz uma pequena escova de *bingba* para aplicar o veneno, e um filtro de folhas para despejar o líquido no bico das aves; faz uma xícara de outras folhas para transferir água da cuia para o veneno, quando este precisa ser unmedecido. Finalmente quebra alguns galhos dos arbustos próximos e retira suas fibras para amarrar as pernas das aves que sobreviverem ao teste, de modo que possam ser facilmente recuperadas quando o trabalho do dia tiver terminado. O operador só começa a unmedecer o veneno quando os demais participantes chegam.

Pode haver apenas um homem ou vários que tenham perguntas a fazer para o oráculo. Cada um traz suas aves consigo numa cesta. Como foi combinado de antemão o lugar em que ocorrerá a consulta ao oráculo, eles sabem onde se encontrar. Quando uma pessoa chega, passa sua cesta de aves para o operador, que a coloca no chão perto do oráculo. Um homem que tenha prática em ser o interrogador senta-se diante dele, a poucos metros de distância se observou os tabus, a muitos metros caso contrário. Outros homens que não tenham observado o interdito quedam-se mais longe ainda.

Quando todos estão sentados, discutem em voz baixa sobre que ave será a primeira e como se formulará a pergunta. Enquanto isso o operador despeja um pouco de água da cuia que está a seu lado na xícara de folha, e da folha no veneno, que então entra em efervescência. Ele mistura o veneno e a água com as pontas dos dedos, formando uma pasta com a devida consistência; quando

instruído pelo interrogador, pega uma das aves, dobra as asas sobre suas pernas e prende-a entre os artelhos. Pega então a escova de capim, gira-a no veneno e embrulha-a no filtro de folha. Mantém aberto o bico da ave, coloca nele a ponta do filtro e aperta-o, e o líquido da pasta escorre para dentro da garganta da ave. Então ele balança a cabeça da galinha para cima e para baixo, obrigando-a a engolir o veneno.

A essa altura o interrogador, previamente instruído pelo proprietário sobre os fatos que deve expor ao oráculo, começa a dirigir-se ao veneno no interior da ave. Continua a falar por cerca de dois minutos, quando uma segunda dose de veneno em geral é ministrada. Quando se trata de uma galinha pequena, duas doses bastarão; mas uma galinha maior receberá três doses, e já se soube de aves que receberam até quatro, mas nunca mais do que isso. O interrogador não pára de falar com o oráculo, fazendo suas perguntas sempre de modo diferente, embora com o mesmo refão: “Se este é o caso, oráculo do veneno, mate a ave”, “se este é o caso, oráculo do veneno, poupe a ave”. De tempos em tempos interrompe seu fluxo de oratória para dar uma ordem técnica ao operador. Pode dizer-lhe para ministrar outra dose de veneno à ave, ou para sacudi-la entre seus artelhos, levantando e abaixando o pé (isso instiga o veneno no interior da ave). Quando a última dose foi ministrada e ele fez sua última pergunta, diz ao operador para levantar a ave. O operador toma-a em suas mãos e, segurando-lhe as pernas entre os dedos e voltando-a para si, dá-lhe uma sacudidela para frente e para trás. O interrogador redobra sua peroração, como se o veredicto dependesse de argumentos; se a ave já não está morta, depois de mais uma investida oratória ele diz ao operador para colocá-la no chão. Continua a dirigir-se ao veneno dentro da ave enquanto observa os movimentos desta no chão.

O veneno afeta as aves de várias maneiras. Ocasionalmente mata-as imediatamente depois da primeira dose, enquanto elas ainda estão no chão. Isso raramente ocorre, porque em geral uma galinha só é seriamente afetada quando removida do chão e sacudida para frente e para trás. Então, se ela vai morrer, tem convulsões espasmódicas no corpo, abre e fecha as asas, tem vômitos. Depois de vários desses espasmos, vomita e expira num acesso final. Algumas aves parecem quase não ser afetadas pelo veneno; depois de terem sido sacudidas para frente e para trás por um tempo e jogadas no chão, saem ciscando despreocupadamente. As galinhas não afetadas pelo veneno geralmente defecam assim que são colocadas no chão. Outras parecem pouco afetadas até que são postas ao solo, quando subitamente sofrem um colapso e morrem. É muito raro que uma ave seriamente afetada pelo veneno se recupere.

Geralmente sabe-se qual será o veredicto depois que a ave esteve suspensa na mão por cerca de dois minutos. Se sua recuperação não parece certa, o operador não se preocupa em amarrar a fibra em sua perna, mas pausa-a no chão para morrer. Frequentemente, quando uma ave morre, arrasta-se ela num semicírculo em torno do veneno, exibindo para ele o corpo. Em seguida, corta-se uma asa para usar como prova e cobre-se o resto com capim. As aves que sobrevivem são levadas para casa e libertadas. Nunca se usa uma mesma ave duas vezes no mesmo dia.

Não há uma fala estereotipada — nenhuma fórmula — para dirigir-se ao oráculo. Todavia, há refreões tradicionais, imagens estilizadas, cumprimentos ao oráculo, modos de formular uma pergunta e assim por diante, que ocorrem em toda consulta.

A principal obrigação do interrogador é cuidar para que o oráculo compreenda plenamente a questão a ele colocada e esteja a par de todos os fatos relevantes para o problema que lhe é proposto. Os Azande dirigem-se a ele com o mesmo cuidado e detalhe que se observa num tribunal presidido por um príncipe. Isso significa começar bem de trás e assinalar, durante um período considerável de tempo, cada detalhe que possa elucidar o caso, unindo fatos num quadro consistente de acontecimentos e dispondo os argumentos numa teia lógica e sólida de seqüências e inter-relações de fatos e inferências. O interrogador deve também mencionar cuidadosamente o nome do homem que está consultando o oráculo, apontando para ele com o braço esticado. Menciona também o nome de seu pai, talvez de seu clã, o nome do lugar em que mora, e fornece detalhes semelhantes de outras pessoas mencionadas na fala.

Uma oração ao oráculo consiste geralmente de orientações alternadas. As primeiras frases esboçam a questão em termos que demandam uma resposta afirmativa e terminam com a ordem: “Oráculo de veneno, mate a ave.” As frases seguintes esboçam a questão em termos que pedem uma resposta negativa e concluem com a ordem: “Oráculo de veneno, poupe a ave.” O consultor então retoma a questão em termos que pedem uma resposta afirmativa, e assim por diante. Se um espectador considera que um ponto relevante foi deixado de fora, interrompe o interrogador, e este o inclui.

O interrogador empunha uma vara e, enquanto se dirige ao oráculo, sentado de pernas cruzadas em frente a ele, bate-a no chão. Continua a fazê-lo até o final da fala. Costuma gesticular à medida que fornece elementos, como um homem expondo um caso na corte. Às vezes arranca capim, mostra-o ao veneno e, depois de explicar que há algo que não deseja que ele considere, joga-o para trás. Assim, por exemplo, diz ao oráculo que não deseja que considere a

questão da bruxaria, mas apenas da feitiçaria. Bruxaria é *wingí*, algo irrelevante, e ele a esconde atrás dele. As imagens usadas são especialmente dignas de observação. É raro que alguém se dirija ao oráculo sem usar analogias e circumlóquios. Assim, perguntando se um homem cometeu adúlterio, a questão é formulada do seguinte modo:

Oráculo de veneno, oráculo de veneno, você está na garganta da ave. Aquela homem, o umbigo dele uniu-se ao umbigo dela; eles se abraçaram, ele a conheceu como mulher e ela o conheceu como homem. Ela levou *brindibe* (uma folha usada como toalha) e água para ele (para as abluções depois do intercursus); oráculo de veneno, ouça, mate a ave.

Enquanto a ave passa pelo oráculo, os homens cumprem atentamente determinado comportamento. Um homem deve cingir e ajeitar sua tanga de treasca para não expor os órgãos genitais, como faz quando se senta na presença de um príncipe ou de um parente afim. Os homens falam em voz baixa, como se estivessem na presença de superiores. Na verdade, toda conversa é evitada, a não ser que se refira diretamente ao processo de consulta. Se alguém deseja ir embora antes que os procedimentos tenham terminado, pega uma folha, cospe nela e coloca-a onde estava sentado. Vi um homem — que se levantara apenas por alguns minutos para pegar uma ave que escapara de sua cesta — colocar uma folha de capim na pedra sobre a qual estava sentado. As lanças devem ser detidas no chão, jamais postas de pé na presença do oráculo de veneno. Os Azande ficam muito sérios durante uma sessão, pois estão fazendo perguntas de importância capital para suas vidas e felicidade.

## IO

Basicamente o sistema de pergunta e resposta na consulta ao oráculo é simples. Há dois testes, o *bambata sima*, ou primeiro teste, e o *gingo*, ou segundo teste. Se uma ave morre no primeiro teste, então outra ave deve sobreviver ao segundo teste, para que o julgamento seja válido. Em geral a pergunta é formulada de tal modo que, para dar uma resposta afirmativa, o oráculo terá de matar uma ave no primeiro teste e poupar outra ave no teste de confirmação; para dar uma resposta negativa, deve poupar uma ave no primeiro teste e matar outra ave no teste corroborativo. Mas esse nem sempre é o caso, e às vezes as perguntas são formuladas em ordem inversa. A morte de uma ave não ocorre em si mesma uma resposta positiva ou negativa; isso depende da forma da pergunta. Ilustrarei o procedimento comum com um exemplo:

## A

*Primeiro teste.* Se X cometeu adúlterio, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave morre.

*Segundo teste.* O oráculo de veneno declarou X culpado de adúlterio matando a ave. Se sua declaração é verdadeira, poupe esta ave. A segunda ave sobrevive.

*Resultado:* Veredicto válido. X é culpado.

## B

*Primeiro teste.* Se X cometeu adúlterio, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave sobrevive.

*Segundo teste.* O oráculo de veneno declarou X inocente de adúlterio ao poupar a ave. Se esta declaração é verdadeira, mate a segunda ave. A ave morre.

*Resultado:* Veredicto válido. X é inocente.

## C

*Primeiro teste.* Se X cometeu adúlterio, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave morre.

*Segundo teste.* O oráculo de veneno declarou X culpado de adúlterio ao matar a ave. Se esta declaração é verdadeira, poupe esta segunda ave. A ave morre.

*Resultado:* O veredicto é contraditório, e portanto inválido.

## D

*Primeiro teste.* Se X cometeu adúlterio, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave sobrevive.

*Segundo teste.* O oráculo de veneno declarou X inocente de adúlterio pouparando a ave. Se sua declaração é verdadeira, mate a segunda ave. A ave sobrevive.

*Resultado:* O veredicto é contraditório, e portanto inválido.

Nos dois testes uma ave deve morrer e a outra deve viver para o veredicto ser aceito como válido. Se ambas vivem ou morrem, o veredicto é inválido, e o oráculo deve ser consultado sobre o problema em outra ocasião. Se o suprimido de oráculo de veneno é suficiente, os dois testes podem ser feitos durante a mesma sessão, especialmente quando o problema é importante e urgente. Freqüentemente, todavia, um teste não se completa numa única sessão, como se verá nos quadros que se seguem, por uma destas razões:

(1) A outra parte do teste pode ter sido realizada previamente, ou poderá ser realizada numa sessão futura. Às vezes há um longo intervalo entre os dois testes, porque o primeiro é considerado uma justificativa suficiente para co-

meçar uma empresa, mas um segundo teste tem que ser feito antes que o em-  
preendimento esteja muito avançado. Por exemplo, um homem fica noivo de  
uma mulher e começa a pagar as lanças do preço da noiva ao pai desta com  
base num único teste, deixando o teste de confirmação para meses depois.  
Mas a jovem só irá viver permanentemente com ele quando ambos os testes  
tiverem sido feitos.

(2) Um dos oráculos menos importantes pode ter sido consultado ante-  
riormente, de modo que um único veredito do oráculo de veneno é visto  
como confirmação oracular.

(3) É comum que os Azande considerem um único teste suficiente, so-  
bretudo se o oráculo dá sua resposta decididamente, matando a ave sem hesi-  
tação. Assim, eles podem economizar veneno.

(4) Muitas confirmações de vereditos estão contidas nas respostas do  
oráculo a outras questões; por exemplo, um homem pergunta se um bruxo  
morrerá caso um certo parente observe os interditos da vingança mágica. O  
oráculo diz "sim". Ele então pergunta se o parente morrerá durante o período  
de observação dos tabus. Se o oráculo diz "não", confirma seu veredito ante-  
rior, porque a vida do parente está vinculada à realização da vingança.

(5) Às vezes uma só ave é usada para confirmar diferentes perguntas. Se,  
respondendo a duas diferentes questões, o oráculo matou duas aves, então  
pode-se pedir a ele que poupe uma terceira ave, confirmando ambos os vere-  
dictos ao mesmo tempo.

(6) Quando não está em jogo um problema sério, basta aos Azande saber  
se o oráculo está funcionando corretamente; e, certos disso, estão prontos a  
aceitar declarações únicas e dispensar repetições de julgamento. Assim, cinco  
perguntas não relacionadas podem ser feitas numa única sessão. Suponha-  
mos que o oráculo poupe as aves na resposta às primeiras quatro questões e  
mate uma na resposta à quinta. Isso prova que a ação daquela amostra parti-  
cular de veneno é discriminadora, e que portanto seus quatro primeiros vere-  
dictos podem ser considerados válidos.

A realização dos dois testes, porém, é essencial para responder qualquer  
pergunta referente às relações entre duas pessoas, especialmente quando es-  
tão envolvidas questões legais.

## II

As seguintes consultas ao oráculo de veneno são fornecidas para mostrar o  
tipo de perguntas feitas e a ordem em que se pergunta, bem como para capaci-  
tar o leitor a julgar por si mesmo a proporção de aves que morre, o número de

dosos de veneno que elas recebem e a ordem das mortes e sobrevivências. Esti-  
ve presente em ambas as sessões relatadas, e muitas dessas perguntas refe-  
rem-se a pessoas ligadas à minha casa e a seus parentes.

### PRIMEIRA SEÇÃO

(1) X deve observar os tabus de luto e vingança pela morte de Magadi até que a  
vingança se complete? A ave MORRE com resposta "sim".

(2) Se X observar os tabus de luto por Magadi, ele morrerá como consequência  
disso? (Isto é, se, por descuido no seu uso, a droga mágica que ele enviou contra  
o assassino de Magadi não se voltaria contra ele mesmo? Isso também seria uma  
confirmação da primeira pergunta, uma vez que, se X morresse, então a vingança  
não se daria no período de seu luto.) A ave MORRE com resposta "sim". (Estes  
dois vereditos se contradisseram, e seguiu-se uma pequena discussão. Um ho-  
mem disse que, uma vez que Magadi morrera de lepra, sua morte não devia ser  
vingada, e que era por isso que o oráculo dera vereditos contraditórios. Essa  
opinião foi rejeitada pelos outros.)

(3) Se Adiyambio, que está sofrendo de uma úlcera profunda, permanecer no  
nosso aldeamento, ele morrerá? A ave SOBREVIVE com resposta "não".

(4) Se Bamina for viver na nova residência que acaba de construir para si, ele  
morrerá? A ave MORRE com resposta "sim".

(5) Se Bamina permanecer em sua velha residência, ele morrerá? A ave MORRE  
com resposta "sim".

(6) Se Bamina for viver no aldeamento de Ndoruma, ele morrerá? A ave SOBRE-  
VIVE com resposta "não".

(7) (Confirmação da última pergunta.) O oráculo falou a verdade quando disse  
que Bamina não morreria se fosse viver no aldeamento de Ndoruma? A ave  
SOBREVIVE com resposta "não". (As respostas às perguntas 6 e 7 se contradisse-  
ram. Alguém sugeriu que o oráculo estava cansado, como um chefe que estivesse  
sentado havia horas ouvindo os casos em sua corte, e se fadigasse. Outro homem  
disse que o oráculo vira algum infortúnio pela frente, que não era morte, mas  
um infortúnio grave, e que escolhera essa forma de avisar Bamina. Os vereditos  
considerados no seu conjunto foram tomados como um mau agouro, e houve  
muita discussão sobre quem estava ameaçando o bem-estar de Bamina. Mbirá  
deu sua opinião de que o perigo era de feitiçaria, e não de bruxaria, já que um  
bruxo não perseguiria um homem de um lugar para outro desse modo, mas para  
de perturbá-lo se ele abandona sua residência e vai viver em outro lugar.)

(8) Eles agora perguntam ao oráculo sobre dois homens, um chamado Pilipiti e o  
outro um membro do clã Bangombi, que outrora se casara com a filha de Bami-

na, mas que recebera de volta as lanças do preço da noiva. Algum desses dois homens está ameaçando Bannina com bruxaria ou magia negra? A ave MORRE com resposta “sim”.

A sessão teve de ser encerrada nesse ponto, pois não havia veneno suficiente para continuar as consultas.

#### SEGUNDA SESSÃO

(1) Já que, numa consulta anterior, foi determinado que a filha de Mamenzi, esposa de Mekana, está em péssimas condições, a má influência que paira sobre ela vem da casa de Mekana ou da casa de seu avô paterno (a quem seu pai dera as lanças do preço da noiva como “primícias”)? Se é da residência de Mekana, oráculo de veneno, poupe a ave. Se é da residência de seu avô, oráculo de veneno, mate a ave. (Deve ser assinalado que esta é uma forma bastante incomum de fazer uma pergunta, já que não permite uma terceira alternativa: que o bruxo seja de uma residência não mencionada. O procedimento poderia mesmo ser considerado incorreto. No entanto o marido estava tão seguro de que a má influência que atingira sua mulher só podia provir de inveja em sua própria residência, ou de desagrado na de seus afins, que a pergunta lhe parecia legítima. Contudo, seria sempre possível ao oráculo mostrar que nenhuma das residências era responsável matando ou poupando ambas as aves no teste duplo, ou mesmo pela maneira pela qual afetasse as aves durante os testes). A ave MORRE, dizendo que a má influência provém da residência do avô da jovem (uma dose de veneno ministrada).

(2) O oráculo de atrito disse que um homem chamado Sueyo fez magia, causando doença violenta em Kisanga. A pergunta é feita: “A afirmação do oráculo de atrito é correta? Se é, oráculo de veneno, mate a ave!” A ave SOBREVIVE com resposta “não” (duas doses ministradas).

(3) A mãe de X está seriamente doente. Sua doença se deve a Basit? Se assim o é, oráculo de veneno, mate a ave. Se não, poupe a ave. A ave SOBREVIVE com resposta “não” (duas doses ministradas).

(4) Veredicto confirmativo da pergunta 1. Se a má influência que ameaça sua mulher está na residência de Mekana, então, oráculo de veneno, mate a ave. Se a má influência emana das mulheres do avô de sua mulher, então, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave SOBREVIVE, confirmando que a má influência provém da casa do avô da jovem (duas doses ministradas). (Mekana depois pediu ao sogro para que as mulheres de sua casa colhessem e soprassem água em sinal de boa vontade. Ele não se arriscou a apontar nenhuma “sogra” em particular.)

(5) Já que o oráculo (teste 3) disse que a doença da mãe de X não podia ser atribuída a Basa, X pergunta agora se ela se deve às mulheres de Y. Se estas são responsáveis, oráculo de veneno, mate a ave. A ave MORRE com resposta “sim” (uma dose ministrada).

(6) Voltamos agora à pergunta 2.) Tendo sido determinado que Sueyo não era responsável pela doença de Kisanga, este pergunta: o feiticeiro mora no nosso lado da nova parte do aldeamento do governo? Se ele mora aí, oráculo de veneno, mate a ave. A ave SOBREVIVE com resposta “não” (duas doses ministradas). (Esse veredicto, com mais outros três prévios sobre o problema, provou que o feiticeiro não morava em nosso aldeamento.)

(7) Voltamos à questão da mulher de Mekana, já tratada nas perguntas 1 e 4.) Se há alguém, além das mulheres do avô da mulher dele, que ameçam a saúde de Mekana, ou se, depois que a asa da ave lhes tenha sido apresentada para soprar água, elas ainda exercerão influência negativa sobre ela, então, oráculo de veneno, mate a ave. Se, por outro lado, não há mais ninguém a temer além das mulheres do avô da mulher dele, se elas soprarão água na asa da ave com sinceridade e retirarão sua má influência, então, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave SOBREVIVE, indicando que nada mais haverá a temer (duas doses ministradas).

(8) Voltamos à pergunta da mãe de X já tratada nos testes 3 e 5.) Foi determinado que as mulheres de Y são responsáveis pela doença da mãe dele. X pergunta agora se só elas são responsáveis, ou se o próprio Y as encorajou e assistiu para que lançassem bruxaria sobre a velha senhora. Se Y é culpado, então, oráculo de veneno, mate a ave. Se Y é inocente, então, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave MORRE, dizendo que Y é responsável (uma dose ministrada).

Essa segunda sessão fornece um exemplo de uma consulta ao oráculo inteiramente bem-sucedida. Eu chamaria a atenção para a maneira pela qual um grupo de perguntas é arranjado. Há três problemas a serem resolvidos, e há oito aves por meio das quais os resolver. As perguntas referem-se ao bem-estar da mulher de Mekana, à saúde da mulher nomeada como mãe de X e à identificação do feiticeiro que causou a Kisanga uma doença tão atroz. Quando muitas pessoas têm perguntas a fazer ao oráculo, não se esgota um problema passando-se para o seguinte, mas geralmente, como nessa ocasião, é permitido a cada pessoa fazer uma pergunta de cada vez. No segundo turno, cada uma delas tenta obter veredictos confirmatórios ou fazer perguntas subsidiárias. Se um homem tem mais aves do que os outros, ele pode fazer mais perguntas, mas deixa que os outros coloquem seus problemas entre elas. Não se trata simplesmente de cortesia; isso se baseia na noção de que, depois que um problema foi colocado ao oráculo e ele forneceu uma resposta, deve-se

## *Problemas suscitados pela consulta ao oráculo de veneno*

dar tempo para que ele reveja o problema com calma, antes de confirmar sua primeira resposta e dar o veredicto final. Viu-se de imediato que o veneno usado nessa sessão era discriminante. Matou a primeira ave e mostrou que não era impotente, pois quando o *benge* é impotente, todas as aves sobrevivem; poupou a segunda ave e mostrou que não era um veneno superpotente, pois quando o é todas as aves morrem. Poupou várias outras aves, mas no final matou a última delas, mostrando que mantinha sua potência. Os Azande buscam essas evidências em cada teste para estabelecer se o veneno é bom.

12

Falta contar como nos velhos tempos as pessoas bebiam veneno de oráculo. É preciso algum cuidado ao considerar a frase zande *mombiri benge* (“beba veneno de oráculo”), pois é uma expressão comum de um príncipe quando quer dizer simplesmente que “você deve submeter seu caso ao oráculo de veneno”. Mas no passado, embora raramente, às vezes algumas pessoas bebiam veneno de fato. Isso podia acontecer de dois modos. Um homem acusado de uma ofensa séria podia oferecer-se para beber veneno depois de um teste oracular com aves ter-se pronunciado contra ele. Do mesmo modo, se uma mulher acusasse um homem de ter cometido adultério com ela, ele podia propor que tanto ele quanto a mulher bebessem veneno.

O veneno do oráculo era também ministrado ocasionalmente a meninos escravos em casos importantes envolvendo príncipes. Falava-se a eles na mesma linguagem que às aves. O veneno era misturado com água numa cuia. O menino, sentado no chão e usando um cinto de capim *bingba*, bebia o veneno; e então o interrogador sacudia sinetas e dirigia-se ao veneno dentro dele. Quando terminava sua fala, esfregava a cuia na cabeça do menino e mandava que ele se levantasse. Se o menino alcançava a asa da ave e voltava com ela, eles se dirigiam novamente ao veneno no seu interior e lhe diziam então para recolocar no lugar a asa da ave. Depois faziam uma terceira e última fala e dirigiam ao menino para buscar a asa novamente. Então o teste estaria terminado. Se o veneno fosse matar um menino, não o mataria enquanto estivesse sentado quieto no chão, embora ele sofresse espasmos de dor que o fariam esticar os braços para trás, ofegando para respirar. Quando o menino caía, faziam-se esforços, com o consentimento do rei, para revivê-lo, ministrando-lhe uma mistura viscosa feita da planta *mboyo*, da árvore *kypoyo*, e sal. Isso fazia com que vomitasse o veneno. Depois ele era levado para um riacho, colocado à sombra, e despejava-se água fria em seu rosto.

I

Descrevi para muitas pessoas na Inglaterra os fatos relatados no último capítulo. Em sua maioria, elas desacreditaram ou desdenharam deles. Tentavam com suas perguntas explicar o comportamento zande racionalizando-o, isto é, interpretando-o nos termos da nossa cultura. Essas pessoas supõem que os Azande entendem necessariamente as qualidades dos venenos assim como nós as entendemos; ou que atribuem uma personalidade ao oráculo, uma mente que julga como os homens, mas com maior presciência; ou que o oráculo é manipulado pelo operador, cuja astúcia preserva a fé dos leigos. Indagam ainda sobre o que acontece quando o resultado de um teste contradiz o outro, que deveria ser confirmado para que o veredicto fosse válido; o que acontece quando as descobertas do oráculo são desmentidas pela experiência; e o que acontece quando dois oráculos dão respostas contrárias à mesma pergunta.

Os mesmos problemas — e outros, naturalmente — me ocorreram quando estava na terra dos Azande. Fiz investigações e observações sobre os pontos que me pareciam importantes. Neste capítulo relato minhas conclusões. Antes de apresentá-las, devo advertir o leitor que estamos tentando analisar mais um comportamento que uma crença. Os Azande têm pouca teoria sobre seus oráculos e não sentem necessidade de doutrinas.

Traduzi a palavra *benge* por “trepadeira do veneno”, “veneno de oráculo” e “oráculo de veneno”, conforme o contexto. Mas é necessário assinalar que as idéias zande sobre o *benge* são muito diferentes das noções sobre veneno que prevalecem entre as classes cultas da Europa. Para nós o *benge* é um veneno, mas não para eles.

É verdade que o *benge* deriva de uma trepadeira selvagem da mata; e que se pode supor que suas propriedades residam na trepadeira, isto é, que sejam propriedades naturais; mas aos olhos zande, ele só se torna o *benge* das consulas oraculares (e fora dessa situação não se tem qualquer interesse nele) quando foi preparado segundo certos interditos e empregado da maneira tradicional. Para ser mais preciso, apenas esse *benge* manufaturado é *benge*